

# CONSTRUÇÃO E UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS EM DINÂMICA DE GRUPOS.

## *Construction and Use of Techniques in Group Dynamics*

*João Fernando Rech Wachelke<sup>1</sup>*

*Jean Carlos Natividade<sup>1</sup>*

*Alexsandro Luiz de Andrade<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Utilizar técnicas de dinâmica de grupos já estabelecidas na literatura muitas vezes não é a maneira mais adequada de proceder para melhor atender a demandas grupais emergentes. Nesse trabalho buscamos com um relato de experiência argumentar a favor da relevância e adequação de criar novos exercícios de grupo com base nos objetivos desejados para trabalho com grupos. O presente trabalho visou a desenvolver e aplicar, no contexto de um grupo voltado para o desenvolvimento intragrupal e aprimoramento das relações entre seus integrantes, uma técnica capaz de colocar em evidência as percepções que os membros do grupo possuem acerca de si mesmos (auto-imagens) e confrontá-las com as percepções que os outros integrantes têm acerca deles (hetero-imagens). Participaram da atividade na condição de membros efetivos do grupo 20 indivíduos, todos estudantes de uma turma de um curso de psicologia de uma universidade federal, com idades variando de 20 a 47 anos. A técnica compôs-se por duas etapas: na primeira, os participantes escreveram numa folha de papel aspectos relativos à autopercepção e auto-imagem, e na segunda etapa deveriam representar um de seus colegas durante uma interação conjunta envolvendo todos os participantes: uma simulação de uma festa da classe. A contribuição do presente trabalho para a dinâmica dos grupos reside na descrição criteriosa e detalhada de um exercício de grupo e seu planejamento, apontando para a necessidade de não utilizar técnicas presentes na literatura sem reflexão sobre sua adequação ao contexto em que serão empregadas.

**Palavras-chave:** Dinâmica de Grupos; Técnicas de Grupo; Auto-imagem e Hetero-imagem.

### **Abstract**

Using group techniques already established in the literature many times is not the most adequate way of proceeding to better deal with emerging group necessities. In this study, with the report of an experience, we seek to provide arguments for the relevance and adequacy of creating new group exercises based on the desired goals for the group work. The present work aimed at developing and executing, in the context of group turned to intragroup development and enhancement of the relationships among its members, one technique capable of showing the perceptions that group members possess about themselves (self-images) and confronting them with the perceptions that the other members have on them (hetero-images). Twenty (20) individuals participated of the activity as group member, all of which were students of psychology class from a federal university, with ages ranging between 20 and 47 years old. The technique was composed by two steps: in the first one, participants wrote in a sheet of paper aspects about self-perception and self-image, and in the second one they could role-play as one of their colleagues during an interaction involving all participants: a class party simulation. The contribution of the present work for group dynamics lies in the criterious and detailed description of a group exercise and its planning, pointing towards the need of not using techniques available in the literature without a reflection about their adequacy in the context that they will be employed.

**Keywords:** Group Dynamics; Group Techniques; Self-image and Hetero-image.

<sup>1</sup> Bacharéis em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Endereço para contato: R. Octavio Lebarbenchon, 69, Santa Monica, Florianópolis – SC. CEP 88037-290.

E-mail: wachelke@yahoo.com

Podemos falar em dinâmica de grupos com dois sentidos distintos. O primeiro refere-se a uma subárea de conhecimento da psicologia social, cujo objeto de estudo são os processos psicológicos que ocorrem dentro dos microgrupos. Alguns dos autores clássicos desse campo de pesquisas são Bales e Lewin (Cercle & Somat, 1999; Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2002). O segundo sentido não diz respeito a um domínio científico de pesquisa, mas de um tipo de atividade profissional tanto de psicólogos como de outros profissionais que trabalham com pequenos grupos com finalidades que podem ser diversas, como, por exemplo, a seleção profissional ou terapia. O presente artigo trata de dinâmica de grupos nesse segundo sentido, isto é, de dinâmica de grupos enquanto prática de trabalho dos psicólogos, enfocando aspectos relativos às técnicas utilizadas nas atividades com grupos.

Técnicas de grupo são os meios pelos quais os coordenadores de grupos buscam atingir suas finalidades durante o trabalho com os grupos (Minicucci, 1992). Para Beal, Bohlen & Raudabaugh (1972), as técnicas grupais são ferramentas essenciais de que dispõe a coordenação para realizar qualquer ação grupal. Na medida em que os trabalhos com grupos são realizados por um coordenador que sugere atividades e vivências para o grupo em direções determinadas ou mesmo em caráter informal, é possível dizer que sempre há emprego de técnicas no contexto grupal como maneira de aproximar, e por fim alcançar, os objetivos propostos de trabalho do grupo sejam eles relativos à aprendizagem, desenvolvimento pessoal ou outros quaisquer.

Entretanto, é necessário ressaltar o caráter instrumental das técnicas. Técnicas de grupo não possuem valia alguma se descontextualizadas ou desvinculadas de uma investigação ou procedimento embasado solidamente nas características processuais dos grupos em que são aplicadas. Se por um lado, efetivamente, elas são os principais recursos utilizados pelas pessoas que trabalham com grupos - seria pelo menos estranho encontrar algum coordenador que dissesse trabalhar com dinâmica de grupos e afirmasse não utilizá-las constantemente - elas não são a razão de existência, alguma espécie de "essência" da dinâmica de grupos. Contudo, não são raros os profissionais que confundem as técnicas de grupos com os fins da ação de grupo propriamente

ditos, estereotipando o campo de pesquisas da dinâmica de grupos (Minicucci, 1992).

Ao confiar em excesso nas ferramentas que possuem à disposição, esses coordenadores trocam os fins por meios, deixando de lado a avaliação das características dos processos grupais em progresso, o que lhes permitiria chegar por conta própria a um modo eficiente de trabalhá-los. Modo este que pode, sim, coincidir com a utilização de uma técnica de grupo consagrada. Não se trata de negar o valor das técnicas, quando bem utilizadas, mas sim de apontar para a possibilidade preocupante de esses recursos serem empregados de forma simplista, queimando etapas na execução de atividades vinculadas a dinâmica de grupos.

Uma característica marcante da literatura em dinâmica de grupos contribui para que ocorram equívocos dessa natureza. É fato que muitos (talvez até mesmo a maioria dos) manuais e livros em geral voltados para essa área apresentam uma grande relação de técnicas "prontas para uso" (ver, por exemplo: Andreola, 2003; Antunes, 2002; Berkenbrock, 2004; Gonçalves & Perpétuo, 2002; Yozo, 1996), o que dá a impressão de que basta utilizar uma determinada técnica para criar no grupo um efeito desejado qualquer, ainda que boa parte dessas fontes de referência advirtam sobre a necessidade de não proceder dessa maneira irrefletida. Aproveitando-se das listas de técnicas presentes nos livros, classificadas em conjunto conforme os "objetivos" a que elas se prestam (apresentação, despedida, autoconhecimento, confrontação, e tantos outros), não raro alguns coordenadores transformam as sessões de grupo numa sucessão de exercícios desconexos e sem propósito, aparentando acreditar que a aplicação de técnicas tais como estão representadas na literatura efetuará algo próximo de um "milagre", garantindo o desenrolar visando às atividades.

Outro mito que permeia a dinâmica de grupos é o de que as técnicas devem ser aplicadas da mesma maneira em todas as ocasiões. As técnicas são mais bem aproveitadas se consideradas como orientações para o trabalho; não são rígidas ou imutáveis (Minicucci, 1992). Nesse sentido, devem ser adaptadas pelos coordenadores de acordo com os objetivos visados. Também é importante perceber que as ações em grupo não precisam pautar-se por um conjunto já definido de técnicas presentes em manuais. Muitas vezes é necessário

desenvolver novas técnicas para melhor atender às necessidades do trabalho com os grupos.

Corroborando com essa constatação, Corey et al. (1983) afirmam que esperam que seus leitores utilizem seu livro sobre técnicas de grupo para aumentar sua capacidade de produzir técnicas adequadas para as situações com as quais eles se defrontam. No entanto, ainda que algumas obras de referência em dinâmica de grupos afirmem explicitamente que as pessoas que trabalham com grupos procederiam melhor se tratassem sugestões de técnicas como pontos de partida para orientar as ações de grupo, adaptando-as de acordo quando de sua utilização ou mesmo elaborando técnicas completamente novas se não for possível aproveitar o material já existente, dificilmente podem ser encontrados exemplos claros de como agir dessa maneira. Até certo ponto é possível transferir essa constatação também para as salas de aula de cursos de psicologia. Não se descarta a possibilidade de que os docentes das disciplinas relacionadas a grupos cubram essa carência, mas tampouco existem motivos para crer que eles o façam, tomando como referência o conhecido déficit de preparação para a prática profissional que assola os cursos de graduação em psicologia do Brasil ou mesmo considerando que dinâmica de grupos, assim como outros campos de atuação profissional do psicólogo, configura-se como assunto secundário na maioria dos cursos de formação em psicologia, voltados essencialmente para a clínica de consultório (Botomé, 1988; Ozella, 1997). A situação ainda se torna mais complicada quando é lembrado que lidar com dinâmica de grupos não é atividade privativa dos psicólogos: ou seja, profissionais de diversas áreas, com formações diferenciadas, podem valer-se do trabalho com grupos, quiçá de modo ainda menos adequado por não disporem de preparação específica, em muitos casos.

Nosso objetivo, portanto, está ligado à percepção de que utilizar técnicas já estabelecidas na literatura muitas vezes não é a maneira mais adequada de proceder para melhor atender a demandas grupais emergentes; entretanto, são escassas as orientações na literatura sobre como agir de outro modo com grupos. Visando a fornecer subsídios para suprir, ainda que parcial e modestamente, essa lacuna e nutrindo a expectativa de que em tempos vindouros seja configurada uma iniciativa para atender a essa demanda de forma mais completa e abrangente, trazemos no presen-

te artigo um exemplo de elaboração, planejamento e execução de uma técnica de grupos direcionada fundamentalmente a um trabalho desenvolvido num grupo específico. Descrevemos no presente trabalho como aplicamos uma técnica original para trabalhar com confrontação de auto-imagem e hetero-imagem em um grupo voltado para o desenvolvimento intragrupal. Para tanto, primeiramente teceremos alguns comentários sobre o funcionamento do grupo em que foi aplicada a técnica em questão; apenas após sua caracterização poderá ser feita uma apreciação das decisões tomadas durante o planejamento da atividade e sua adequação à realidade do grupo.

Desenvolvemos o presente trabalho como uma das atividades de um grupo formado por acadêmicos do terceiro ano de um curso de graduação em psicologia de uma universidade federal. Trata-se de um grupo de trabalho formado por cerca de vinte e cinco pessoas, cujo principal objetivo era propiciar a seus integrantes aprender sobre como coordenar um grupo. A centralidade desse objetivo vinculado ao ensino deve-se ao fato de as atividades do grupo serem parte de uma disciplina curricular do referido curso de graduação, voltada para a teoria e prática em dinâmica dos grupos e relações humanas.

Um objetivo secundário consistia em melhorar as relações entre os integrantes do grupo. Essa meta é explicada pelo fato de que a maioria dos integrantes constituía uma classe de psicologia, reunida há mais de dois anos. Havia reclamações por parte deles de que a turma estava muito dividida e de que os relacionamentos entre muitos dos colegas não eram satisfatórios. Nesse sentido, urgia conhecer melhor o que estava acontecendo no grupo para criar recursos para lidar com essa situação. Interessa-nos, fundamentalmente, esse segundo objetivo; doravante deixaremos de lado o objetivo principal do grupo, cuja consideração foge ao escopo deste trabalho, e trataremos apenas do objetivo de melhora das relações entre os integrantes, que orientou todo o processo de elaboração e aplicação da técnica de grupo.

Observamos que, de certa maneira, o desenvolvimento interpessoal está implícito no andamento de grupos como o deste trabalho, que estruturam suas atividades de aprendizagem em dinâmica de grupos no que Luft (1968) chama de método de laboratório para estudo de processos de grupo. O método de laboratório estrutura-se na

forma de grupos que, além de ler e discutir sobre processos grupais, vivenciam-nos na prática, fixando e estimulando o aprendizado.

O mesmo autor utiliza-se do esquema explicativo denominado Janela de Johari para ilustrar que os objetivos das atividades de laboratório em dinâmica dos grupos podem ser resumidos em (1) aumentar o conhecimento que os membros do grupo possuem acerca de si mesmos e dos outros, e (2) reduzir a quantidade de informações que os membros desconhecem acerca de si mesmos e dos outros. Esses objetivos podem estar ligados tanto a um nível de análise interpessoal, em termos de percepções individuais, quanto a um nível de análise grupal, nos moldes de um conhecimento gerado pelo grupo e sobre o grupo. Assim, é possível verificar no decorrer do processo grupal que a coletividade passa a apreender aspectos que lhe são característicos e lhe eram anteriormente desconhecidos; essa ampliação do entendimento, por sua vez, possibilita a negociação de novas soluções para problemas do grupo, consistindo no aprimoramento das relações que nele estão implicadas.

Como a classe que originou o grupo já se conhecia e convivia há tempo, situamos o grupo na fase de afeição do desenvolvimento grupal (Jalowitzki, 2001): os integrantes encontravam-se significativamente envolvidos emocionalmente nas relações do grupo e enfrentavam o dilema de ou aproximarem-se dos outros em busca de afetividade e afeição ou manterem-se distantes para evitar sofrimento, após uma história de convívio com seus colegas marcada por momentos positivos e negativos. O grupo já havia iniciado suas atividades na disciplina há pouco mais de dois meses. Durante o desenrolar do grupo de trabalho, já haviam sido foco de suas atividades, ainda que superficialmente, a formação e o convívio de subgrupos dentro da turma e a maneira como os integrantes do grupo percebiam uns aos outros, dentre outros assuntos.

Escolhemos aprofundar a compreensão do grupo acerca das formas com que os membros percebiam os integrantes do grupo. Para tanto, escolhemos lidar com as percepções que os membros do grupo possuem acerca de si mesmos em contraste com o que os outros integrantes percebem acerca deles. Chamamos essa autopercepção de *auto-imagem*, e a percepção que os outros têm acerca de uma outra pessoa de *hetero-imagem*.

Em síntese, nosso objetivo foi desenvolver e aplicar, no contexto do grupo mencionado,

uma técnica capaz de colocar em evidência as auto-imagens individuais e confrontá-las com as hetero-imagens geradas no seio do grupo. Pode ser dito que visávamos abordar com essa atividade um aspecto do *espelhamento*, fenômeno grupal caracterizado pela percepção, por parte de indivíduos do grupo, de aspectos seus que eles ignoram devido às trocas do processo grupal (Osorio, 2003). Nossa hipótese de trabalho básica foi a de que ao comparar essas duas visões ocorreria um aumento do conhecimento sobre o contexto grupal em particular e suas implicações, e os integrantes passariam por uma etapa de crescimento pessoal que teria um impacto positivo para o grupo. Esse impacto acarretaria no surgimento de indicações sobre como dar seguimento às atividades de uma forma construtiva para os envolvidos, em consonância com o objetivo de aprimoramento das relações humanas mantido pela coletividade.

## **Método**

### ***Desenvolvimento da técnica***

Antes de decidir pela criação de uma nova técnica de grupo, realizamos uma busca na literatura em dinâmica dos grupos por alguma técnica que trabalhasse a relação entre auto e hetero-imagem por meio de recursos auxiliares e emprego de humor, elementos recomendados por Corey et al. (1983) e solicitados pelo grupo numa reunião anterior. Nenhuma técnica que cumprisse esses pré-requisitos e que pudesse ser adaptada facilmente ao grupo deste trabalho foi encontrada.

Em virtude disso, foi decidido que seria criada uma técnica capaz de atingir os fins propostos. A técnica seria composta por duas etapas: na primeira, os participantes escreveriam numa folha de papel aspectos relativos à sua autopercepção e auto-imagem, e numa segunda etapa eles deveriam representar um de seus colegas durante uma interação conjunta envolvendo todos os participantes: uma festa da classe. A etapa da festa justifica-se por tratar-se de uma simulação de um evento que congrega simultaneamente situações de caráter humorístico e possibilidade de usar recursos auxiliares para incrementar a atividade grupal (no caso, aparelhagem de som, recursos decorativos e assim por diante), o que vinha ao encontro das solicitações do grupo.

Para fins de clareza, referiremo-nos à técnica construída como um todo como *Técnica do Confronto de Imagens*. Trataremos a primeira etapa como etapa de Expressão Escrita e chamaremos a segunda de Etapa de Festa.

## **Participantes**

Participaram da atividade na condição de membros efetivos do grupo 20 indivíduos, sendo que 18 eram do sexo feminino e apenas 2 do sexo masculino. As idades dos participantes variaram de 20 a 47 anos, sendo que a média de idade do grupo foi de 23 anos (mediana: 22 anos). Todos eram estudantes de psicologia de uma universidade federal e apenas três deles não faziam parte originalmente da classe que cursava, à época do trabalho, o sétimo semestre do curso. De qualquer forma, esses três participantes haviam participado de outras disciplinas com a classe em questão anteriormente à disciplina que originou o grupo.

## **Ambiente**

A sessão de grupo ocorreu em três ambientes: a sala de grupo, a sala de festa e o ambiente externo. A sala de grupo possuía formato quadrado, medindo aproximadamente 36 m<sup>2</sup> de área. Apenas uma porta ligava o aposento com o corredor do prédio onde ocorriam semanalmente as atividades do grupo. Existiam janelas em duas das paredes, cobertas com cortinas. Havia almofadas que serviam de assento contornando toda a sala. Os participantes sentavam-se encostados nas paredes, formando um “U”. Um aparelho de som com reproduzidor de CD estava à disposição. Não havia nada no centro da sala que impedisse o contato visual dos participantes de qualquer lugar da sala. O semicírculo tinha sua abertura voltada para os três coordenadores do grupo, os autores do presente trabalho. Essa forma de organização e disposição dos participantes na sala satisfaz um padrão estabelecido em todas as reuniões do grupo na sala de grupo.

A sala de festa possuía as mesmas dimensões da sala de grupo, localizando-se no mesmo corredor desta. Foram colados nas paredes balões vermelhos, e no centro da sala foi colocada uma mesa de madeira com comensais e bebidas. Havia outro

aparelho de som disponível, semelhante ao da sala de grupo. A utilização desses recursos auxiliares visava a estimular os participantes a imaginarem que se encontravam num ambiente de festa.

Por fim, o ambiente externo ao local em que ocorriam as reuniões do grupo era um bosque localizado num morro de inclinação suave ao lado do prédio. A superfície do morro era recoberta por grama e algumas árvores esparsas de médio porte.

## **Procedimento**

Houve três coordenadores diferentes das atividades do grupo. Enquanto um deles coordenava uma atividade, os outros dois observavam o que ocorria durante a atividade e tomavam notas de suas observações. Um coordenador foi responsável pelos exercícios iniciais de preparação para a Técnica de Confronto de Imagens, enquanto cada um dos outros dois coordenadores propôs as atividades para o grupo nas etapas da técnica construída. A seção Procedimento encontra-se dividida em três, conforme as atividades realizadas, para permitir uma exposição mais clara da seqüência dos acontecimentos durante a aplicação dos exercícios de grupo.

A sessão iniciou-se na sala de grupo. Anteriormente à aplicação da Técnica de Confronto de Imagens foram realizados dois exercícios de grupo com a finalidade de aquecimento, isto é, preparação das predisposições dos participantes para as etapas da técnica de interesse. Num primeiro momento do aquecimento foi proposta aos participantes a Técnica da Minhoca (Lucchiari, 1993), cujo objetivo foi trabalhar a confiança dos participantes uns nos outros, por meio do guiar e ser guiado. A consigna do exercício foi dada em sala, e logo em seguida os indivíduos foram convidados a formarem uma fila no ambiente externo à sala de grupo. De acordo com a adaptação da técnica adotada pela coordenação, os indivíduos deveriam pôr as mãos nos ombros do colega da frente, devendo permanecer de olhos fechados. Apenas o primeiro da fila poderia mantê-los abertos, e todos deveriam caminhar conforme os movimentos e verbalizações do primeiro da fila. À instrução do coordenador ocorria a troca de posições: o participante situado na linha de frente da fila tornava-se o último, e o segundo colega passa-

va para a frente e passava a conduzir os demais. Todos os participantes estiveram à frente da fila uma vez.

Os participantes caminharam em fila por um bosque com árvores, algumas pedras e morros. Durante a caminhada por muitas vezes a “minhoca” se separou, ocasionando a emergência de pedidos de “calma” e verbalizações de desconfiança e dúvida acerca do destino da fila andante. Após chegarem a uma pequena clareira, os participantes foram convidados a abrirem os olhos e formarem um círculo.

Após a conclusão do exercício da minhoca, os participantes formaram um círculo e o coordenador propôs um breve exercício de respiração, buscando calma e integração com as sensações corporais vivenciadas no momento. Em seguida o grupo foi dividido aleatoriamente em duplas. O coordenador propôs uma adaptação do exercício da Escultura (Lucchiari, 1993) em que o objetivo novamente foi abordar a confiança nos pares, através da condição de permitir que o outro configurasse uma postura corporal de acordo com sua vontade. Um dos participantes fechava os olhos e mantinha-se o menos rígido possível em termos de tônus muscular, enquanto seu parceiro, de olhos abertos, “moldava” seu corpo na forma de uma escultura. Foi pedido aos “escultores” que nomeassem suas esculturas para posterior discussão em sala. Depois da nomeação, inverteram-se os papéis nas duplas.

### ***Expressão Escrita: Auto-Imagem***

Concluído o aquecimento, os participantes voltaram para a sala de grupo, e foram instruídos a apanharem uma caneta ou lápis e sentarem-se confortavelmente em um local adequado do aposento. Os participantes foram orientados a refletirem sobre suas vidas, sobre o modo como percebem a si mesmos, suas principais características e suas relações com as outras pessoas.

Logo em seguida foi distribuída uma folha de papel com as seguintes perguntas: “Quais são as minhas características que considero mais positivas? O que mais admiro em mim?”, “Quais são as minhas características que considero mais negativas? O que não gosto em mim?”, “Como eu sou? Como eu gostaria de ser?” e “Como eu ajo em relação aos meus amigos e amigas? Como sou em

relação às pessoas do meu convívio?”. Foi pedido aos participantes que a preenchessem de forma honesta, pois a folha não seria lida por ninguém sem que eles o quisessem. Enquanto as folhas eram preenchidas, o aparelho de CD foi utilizado para reproduzir em baixo volume o som de ondas do mar, estimulando os participantes a imaginarem-se sós num cenário natural intocado, favorecendo a reflexão. Não foi estabelecido limite de tempo para responderem, assim foram necessários cerca de 12 minutos para que todos terminassem. Ao terminarem, foi pedido que guardassem a folha de papel consigo.

Os participantes foram então informados de que outras folhas de papel seriam distribuídas e que eles deveriam escrever nelas seus nomes completos. Assim que isso foi feito, os papéis foram recolhidos e depositados num saco plástico opaco. Após o recolhimento dos nomes, foi informado aos participantes que lhes seria entregue aleatoriamente um dos nomes, diferente do deles. Além disso, eles foram instruídos a não permitir que outros vissem ou soubessem o nome recebido por eles. Os nomes foram entregues pelo coordenador, que efetuava um sorteio e rapidamente realizava uma conferência para certificar-se de que nenhum participante receberia seu próprio nome.

### ***A Festa: Hetero-imagem***

A Etapa de Festa iniciou-se com a instrução de que os participantes deveriam interpretar a pessoa cujo nome pegaram no sorteio. Os participantes não poderiam dizer seus nomes ou tratar os personagens dos outros pelos nomes. Deveriam buscar falar dos assuntos de que a pessoa cujo nome haviam recebido falaria, agir como ela agiria, comportar-se como ela se comportaria. Em síntese, deveriam “ser” essa outra pessoa. Essa interpretação ocorreria no contexto de uma festa da turma, e para estimular a imaginação e a naturalidade da representação os participantes seriam conduzidos à sala da festa, preparada para simular essa situação.

Enquanto dois dos coordenadores realizavam os últimos preparativos na sala da festa, foram dados aos participantes poucos minutos para observarem seus colegas e elaborarem suas interpretações. A seguir, eles foram conduzidos para a sala de festa, onde estava sendo tocada música popular.

Após vinte e cinco minutos de interação na sala de festa, os participantes foram conduzidos novamente à sala de grupo. Nesse ambiente ocorreu uma discussão entre os coordenadores e os membros do grupo em que foi dada abertura para comentar o que os participantes haviam sentido e pensado acerca dos exercícios realizados. A discussão foi livre; todos os participantes poderiam expressar suas opiniões a qualquer momento, se assim o desejassem. Por fim, os coordenadores explicaram os objetivos de cada exercício, atendendo ao objetivo de aprendizagem característico do grupo.

## **Resultados e Discussão**

Em relação ao exercício da Técnica da Minhoca, durante a discussão final, quatro participantes relataram terem tido dificuldades de serem guiados por colegas que muitas vezes não conheciam em profundidade. Por outro lado, dois participantes afirmaram ter se sentido seguros quando sabiam que colegas íntimos estavam à sua frente na fila. Além desses comentários, também foi dito que era mais fácil “guiar” a “ser guiado”, embora também tenha sido dito o contrário por outros integrantes do grupo. Três indivíduos afirmaram que se sentiram responsáveis pelo grupo quando estavam à frente da fila, e outros dois disseram não se preocupar com o grupo em momento algum quando o lideravam. Um comentário com que todos concordaram referia-se ao fato de que a confiança nos outros colegas aumentou gradativamente no decorrer do exercício.

Na Técnica da Escultura a maioria dos participantes relatou ter sentido tranquilidade e confiança enquanto eram moldados pelos colegas. Também foram freqüentes os elogios entre os participantes.

As duas técnicas de aquecimento tiveram por objetivo preparar os participantes para a confrontação entre auto-imagem e hetero-imagem que ocorreria na Etapa de Festa da Técnica de Confronto de Imagens. Os resultados desses dois primeiros exercícios foram ambíguos. Embora tenham sido observados indícios de falta de confiança no contexto da turma, quando por exemplo foi dito que não se sentia segurança em líderes “pouco conhecidos” da fila da minhoca, por outro lado puderam ser inferidos fortes laços de confiança em relacionamentos mais íntimos.

A Etapa de Expressão Escrita da Técnica de Confronto de Imagens visou tornar os participantes conscientes do modo como vêem a si mesmos, evidenciando a auto-imagem que seria confrontada logo a seguir com a imagem formada pelos outros integrantes do grupo. Nesse procedimento, os participantes passaram por um processo de exteriorização da auto-imagem, descrevendo às suas maneiras a forma como se vêem. Portanto, entraram em contato com as suas percepções acerca de si mesmos pelo ato reflexivo e pela contextualização de suas considerações.

Na Etapa da Festa foi verificado que os participantes muitas vezes representavam seus papéis estereotipadamente, favorecendo um reconhecimento fácil por parte dos colegas. Como exemplo dessa afirmação mencionamos o que ocorreu com uma das integrantes do grupo: ela imitou um sotaque regional forte e exagerado de outro participante, e logo todos adivinharam de quem se tratava.

Durante a festa simulada foi verificado que os participantes interagiram com vários outros indivíduos, e o fizeram de forma descontraída, rindo repetidamente ante algumas imitações. Nem todos os participantes, contudo, representaram de maneira envolvida. Um deles permaneceu imóvel, enquanto o outro fez uma representação pouco condizente com a realidade de seu papel; enquanto na realidade a personagem deveria ser falante e expansiva, ela foi representada como alguém calado e emburrado.

Na discussão da situação da festa, 15 dos nomes foram adivinhados rapidamente pelos participantes. No entanto, 5 dos nomes foram descobertos com dificuldade pelo grupo, que só acertou suas identidades após tentar por alguns minutos.

De modo geral, o grupo concordou que a festa simulada permitiu perceber o quanto os integrantes da turma conhecem-se pouco, mesmo acerca de informações básicas como cidade natal, gostos, e assim por diante. Nesse sentido, o final da discussão pautou-se pela elaboração de formas possíveis de contornar essas limitações, como encontros ou festas reais da turma.

Ao discutir a utilização da Técnica do Confronto de Imagens no contexto do presente estudo, cabe responder às seguintes perguntas, duas voltadas mais especificamente para o trabalho desenvolvido com o grupo: o que o emprego

da técnica possibilitou ao grupo? Quais características despontaram como as principais vantagens e desvantagens da técnica?

Com relação à primeira dessas perguntas, é possível afirmar que o emprego da Técnica de Confronto de Imagens contribuiu para o desenvolvimento interpessoal dos participantes como indivíduos e do grupo como um todo. Dessa forma, por meio da materialização das hetero-imagens, correspondentes às interpretações dos colegas, os participantes puderam ter acesso a novos e enriquecedores pontos de vista sobre eles mesmos. Noutro nível de análise, o próprio grupo pôde expandir sua compreensão do contexto grupal, ao diagnosticar, por exemplo, como os membros do grupo conheciam-se pouco. Essa mudança nas relações do grupo com o autoconhecimento e o desconhecido é fundamentalmente o movimento realizado pelos grupos durante o método de laboratório, segundo Luft (1968). Nesse sentido, consideramos válida a técnica desenvolvida, sobretudo quando se deseja atingir objetivos semelhantes aos nossos.

Ao avaliar as vantagens e desvantagens decorrentes do uso da técnica, há que se atentar para suas limitações de uso, ou em outras palavras, aos contextos mais adequados para sua utilização. É recomendável que ela seja utilizada junto a um grupo que já se conheça há algum tempo, e se conheça bem. Grupos recém-formados tornarão a etapa da festa pobre e pouco criativa. Esse foi o caso de indivíduos que fizeram interpretações fracas, se comparados aos outros. Alguns deles eram indivíduos que não estudavam com suas turmas há tanto tempo quanto os demais, o que resultou em representações pouco condizentes com a realidade, ou com poucos elementos específicos. A maior intimidade entre os participantes possibilita uma experiência de dramatização mais rica e divertida. Provavelmente a Técnica de Confronto de Imagens não é adequada em grupos cujos membros são tímidos e não se entregam com facilidade a atividades que possuem componentes corporais, como é o caso da representação.

Além disso, a técnica também é viável em ocasiões em que seja desejado usar o apelo humorístico nos exercícios de grupo. Embora exista a possibilidade de mobilização de sentimentos pessoais devido à forte comparação entre os modos como as pessoas se vêem e como os outros as vêem, a utilização de recursos auxiliares e a inter-

pretação favorecem, a nosso ver, o estabelecimento de interações mais espontâneas e leves.

Em síntese, levando esses aspectos em consideração, é possível dizer que a Técnica de Confronto de Imagens pode vir a se constituir como recurso útil e produtivo para trabalhar processos grupais, garantindo que o contexto para sua inserção seja adequado. Em consonância com o que afirmamos anteriormente, ressaltamos que se trata de uma técnica que não deve ser vista como alguma espécie de amarra, mas sim como sugestão inicial de trabalho, cuja viabilidade e pertinência necessitam ser cuidadosamente avaliadas pelo coordenador de grupo. Este, caso decida favoravelmente a seu uso para proporcionar alguma condição específica que julgue relevante no trabalho que realiza, precisa também avaliar e realizar quaisquer adaptações que considere necessárias.

Tendo comentado brevemente sobre o estudo no que tange às considerações sobre a técnica elaborada e executada propriamente, torna-se necessário, por fim, avaliar a contribuição do presente trabalho para a dinâmica dos grupos enquanto área de conhecimento e fazer psicológico. Sua principal característica reside na descrição criteriosa e detalhada de um exercício em dinâmica de grupo e seu planejamento. A situação altamente individualizada em que a sessão de grupo se deu, e que motivou a construção da técnica, evidencia a necessidade tanto de embasar cuidadosamente a utilização de técnicas em dinâmica de grupo em dados empíricos contextualizados quanto no conhecimento científico presente na literatura especializada. Esperamos ter contribuído para exemplificar que as técnicas de grupo já existentes são apenas pontos de partida para as formas com que elas podem vir a tomar na prática, ou mesmo para a elaboração de novas técnicas, em conformidade com o que afirmam Minicucci (1992) e Corey et al. (1983).

Evidentemente, o presente trabalho possui alcance muito limitado em comparação com as necessidades que a área de dinâmica de grupos apresenta. De todo modo, representa um esforço no sentido de inspirar projetos semelhantes, o que possibilitaria a pesquisadores e profissionais proceder para adaptar e elaborar técnicas de grupo a contextos específicos, estimulando a troca de experiências entre os pares e implicando avaliação das metodologias empregadas para esses fins, gradativamente atingindo um maior grau de concordância acerca dos me-



lhores procedimentos. Seria desejável que esta não fosse um projeto isolado, mas sim que o campo de estudos em dinâmica de grupos apresentasse novos desenvolvimentos dessa natureza, que enfatizam as condições para criar, utilizar e adaptar técnicas de grupo, podendo vir a se tornar uma referência útil para aqueles que têm na dinâmica de grupos um eixo de práticas profissionais.

## Referências

- Andreola, B. A. (2003). **Dinâmica de Grupo: Jogo da Vida e Didática do Futuro**. Petrópolis: Vozes.
- Antunes, C. (1995). **Manual de Técnicas: de Dinâmica de Grupos, de Sensibilização, de Ludopedagogia**. Petrópolis: Vozes.
- Beal, G. M., & Bohlen, J. M. & Raudabaugh, J. N. (1972). **Liderança e Dinâmica de Grupo**. Rio de Janeiro: Zahar.
- Berkenbrock, V. J. (2004). **Dinâmicas para Encontros de Grupos: para Apresentação, Intervalo, Autoconhecimento e Conhecimento Mútuo, Amigo Oculto, Despertar, Avaliação e Encerramento**. Petrópolis: Vozes.
- Botomé, S. P. (1988). Em busca de perspectivas para a psicologia como área de atuação e como campo profissional. In Conselho Federal De Psicologia. **Quem é o Psicólogo Brasileiro?** São Paulo: Edicon.
- Cerclé, A., & Somat, A. (1999). **Manual de Psicologia Social**. Lisboa: Piaget.
- Corey, G., & Corey, M. S., & Callanan, P. J., & Russell, J. M. (1983). **Técnicas de Grupo**. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gonçalves, A. M. & Perpétuo, S. C. (2002). **Dinâmica de Grupos na Formação de Lideranças**. Rio de Janeiro: De Paulo.
- Jalowitzki, M. (2001). **Jogos e Técnicas Vivenciais nas Empresas: Guia prático de dinâmica de grupo**. São Paulo: Madras.
- Lucchiari, D. H. P. S. (1993). Técnicas de orientação profissional. In Lucchiari, D. H. P. S. **Pensando e Vivendo a Orientação Profissional**. São Paulo: Summus.
- Luft, J. (1968) **Introduction a la Dynamique des Groupes: Les petits groupes et leur rôle dans la pratique sociale et éducative**. Paris: Privat.
- Minicucci, A. (1992). **Técnicas do Trabalho de Grupo**. São Paulo: Atlas.
- Osorio, L. C. (2003). **Psicologia Grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ozella, S. (1997). Alguns estudos sobre a formação do psicólogo – 1974 – 1994. **Psicologia da Educação**, 5, 57-71.
- Rodrigues, A., & Assmar, E. M. L. & Jablonski, B. (2002). **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes.
- Yozo, R. Y. K. (1996). **100 Jogos para Grupos: uma Abordagem Psico-dramática para Empresas, Escolas e Clínicas**. Petrópolis: Ágora.

Recebido em/Received in: 17/09/2004  
Aprovado em/Approved in: 20/07/2004